

Ilustração Portuguesa

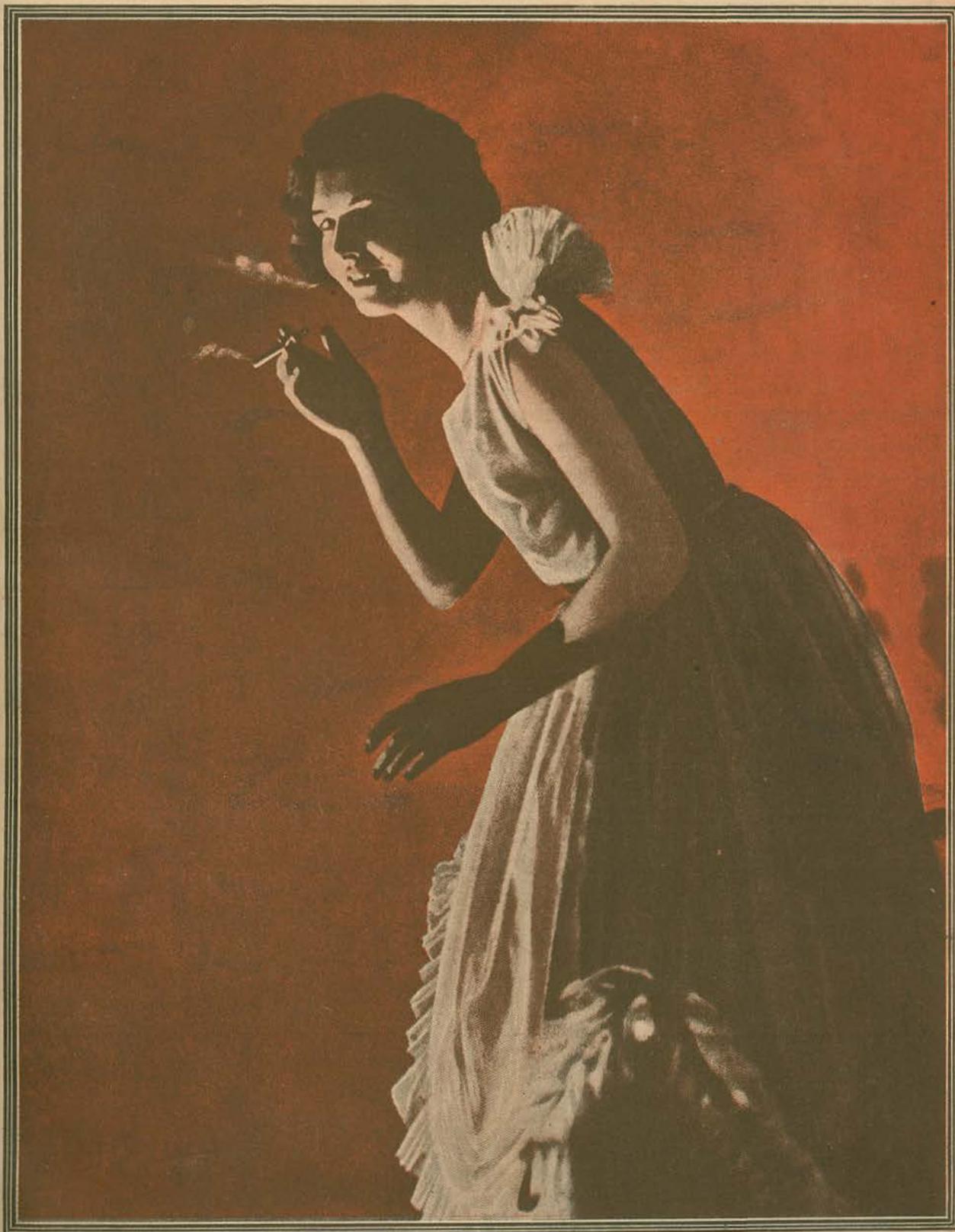


ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 4\$00.—Semestre 8\$00.—Ano 16\$00.
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre—9\$50 Ano 19\$00.
ESTRANGEIRO: semestre 14\$50.—Ano 29\$00.

NUMERO AVULSO, 30 cts.

Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43—LISBOA

Sapataria JANUARIO

Calçado de luxo em todos os generos
pelos mais chics modelos

MEIAS FINAS

78, R. de S.^{ta} Justa, 80

SEMORI

É o melhor desinfectante
para a "toilette" intima
das senhoras. Vendem:
A. D. Marques, Limitada
— Rua do Ouro, 200 —



ANEMIA
DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TIBICA
Todos os Medicos proclamam que
• VINHO • **DESCHIENS** (PARIS)
• XAROPE •
de Hemoglobina
CURAM SEMPRE

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Pedir preços, orçamentos a

C. STFFANINA—39, R. Corpo Santo, 41

O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-
mante e fisionomista da Europa

Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro,
com veracidade e rapidez; é incomparavel em
vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias,
quilromancias, cronologia e fiziolegia e pelas
aplicações praticas das teorias de Gall, Lava-
ter, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigny, ma-
dame Brouillard tem percorrido as principais
cidades da Europa e America, onde foi admira-
da pelos numerosos clientes da mais alta ca-
tegoria, a quem predisse a queda do imperio e
todos os acontecimentos que se lhe seguiram.
Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano
e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da ma-
nhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — Lis-
boa. Consultas a 5\$00, 10\$00 e 13\$00.



nhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — Lis-
boa. Consultas a 5\$00, 10\$00 e 13\$00.

M.^{ME} VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no
passado e presente, e
prediz o futuro.

Garantia a todos os
meus clientes: com-
pleta veracidade na
consulta ou reembolso
do dinheiro.

Consultas todos os
dias uteis das 12 ás 22
horas e por correspon-
dencia. Enviar 50 cen-
tavos p ra resposta.

Caçada da Patriar-
cal, n.º 2, 1.º, Esq. (Cim-
o da rua d'Allegria,
predio esquerda).

Vêr, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SÉCULO"

Preço: 20 centavos

O melhor reconstituinte para
adultos e creanças é a

Calcina Triplice

Os lymphaticos devem
preferir a **Calcina**
com Iodo; os anemi-
cos, a **Calcina com**
Ferro; os astheniados,
a **Calcina com ar-**
rhenol.

Cartomante

GRANDE fenomeno tudo consegue rapido
reembolso em caso contrario. Dá mil es-
cudos a quem provar haver pessoa de
mais poder. Tem ganho medalhas em todo
o mundo. Trata de todo o mal de inveja e
vende talismans para sorte. Enviar 2\$500
para resposta a V. Sorel, Caçada de Santa
Ana, 81, 4.º, das 10 ás 6.

Plissados

Executam-se pelo systema
de Paris na

RUA DO AMPARO, 66, 3.º, E.

TALHERES
AMERICANOS

no genero de

Cristofle

Vendem-se
ao preço
da fabrica

H. SORIN
R. Aurea 165



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 803

Lisboa, 9 de Julho de 1921

30 Centavos



MISS JULIETTE COMPTON

De uma belesa excepcional de uma tecnica perfeita no teatro, Miss Compton é orgulho da livre America. A sua arte e a sua belesa dão-lhe um destacante lugar de que ella e todos se ufanam

CAPA: — MISS JOYCE BARBOUR, uma das mais admiradas e queridas artistas do «vaudeville» inglês.

Cronica da Semana



Um longo periodo de estagnação e de indiferença politicas, succedeu um periodo de agitação extrema, agora sem as violencias com que se iniciou, mas ainda vibrante; e se o desanimo parecia ultimamente ter invadido os espiritos, em risco de se regressar áquele triste estado de paz improficua e prejudicial, porque era a imobilidade determinante da podridão, ele desapareceu. Ha muito tempo que as eleições para deputados não são tão movimentadas, nos seus preparativos, como as que amanhã se vão realizar em todo o paiz e bom sinal é este, prova palpavel dum facto que não era difficil de adivinhar: o tal desanimo não passava duma apparencia, explicando-se pelo amôr á comodidade pessoal e por defesa, na expectativa do ataque e do escorraçamento. Mas a Republica franqueou generosamente as portas da sua casa a quem pretendesse conviver intimamente com ella ou mesmo visita-la com cerimonia, as salas encheram-se, animaram-se e os antigos retraidos não são os que menos barulho fazem lá dentro...

Bem se sabe que muita gente ha-de vir dizer mal de quem tão lhanamente a recebeu, mas isso é o menos; se apenas ouvirmos elogios, nunca nos emendamos dos defeitos que temos — que todos temos.

O vulcão Stromboli está em grande actividade, os incendios nas propriedades suas circunvisinhas multiplicam-se e a população, que os habitava, retira nos vapores que chegam a Messina para prestar socorros. É uma região maldita, aquella!

Mas, perguntar-se-ha, se está condenada, se os seus habitantes correm ali, quasi conti-

nuamente, riscos de morte, porque regressam, logo que a cratera deixa de vomitar fogo e não procuram sitio mais acolhedor?

Porque... é a sua terra, a terra mãe — e lá diz a cantiga popular :

*Ai, quem me dera ter mãe
'Inda que fosse uma silva...*

JA temos electricos e, o que é melhor, transportam-nos sem terem variado as tarifas, isto é, sem terem variado em relação á ultima variação.

O peor é que pode perfeitamente acontecer que este jubilo não dure senão 60 dias; findo o prazo, a comissão de arbitragem apresentará o seu relatório e, das várias hipoteses que podem apresentar-se, duas, pelo menos são muito de temer: a de se favorecer o pessoal á custa do publico, pelo aumento do preço das passagens, ou a d'uma nova *grève*, d'essa vez insolúvel.

Estamos em que, se se consultarem no futuro as estatisticas medicas relativas a esses 60 dias, ellas acusarão um numero consideravel de obitos, por lesões cardiacas.

VAI esta crónica fechar com chave de ouro, como poucos sonetos dos que conhecemos, registando o livro de *João Verdades* (Tito Martins), *A' presença do povo «inlustrado»*.

Não é em meia duzia de linhas que poderíamos dizer da obra o que nela prende a atenção, pela graça, pela critica, pelo bom senso, pelo estilo e até pela forma, com o relevo que lhe dão os consagrados caricaturistas Rocha Vieira, Jorge Barradas e Hipolito Collomb; nessas linhas diremos apenas que o publico, lendo-a, ficará sabendo o sufficiente para deixar de ser «inlustrado», com viciação do vocabulo...

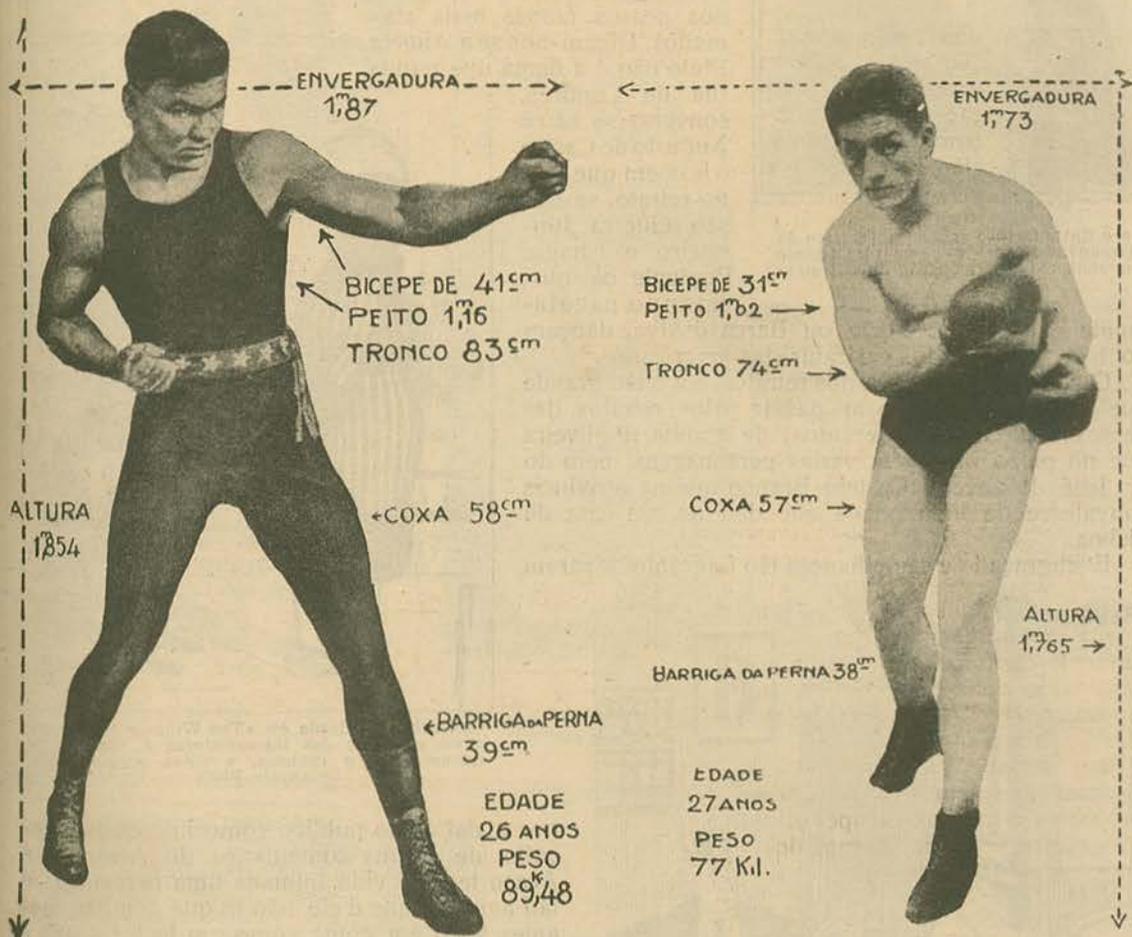


Acacio de Paiva



O «MATCH» DEMPSEY-CARPENTIER

O QUE FOI A VITÓRIA DO CAMPEÃO AMERICANO
— COMO A FORÇA VENCE A SCIENCIA — O HEROIS-
MO DE CARPENTIER — AS CARACTERISTICAS DOS
DOIS «BOXEURS» — PARA QUEM VÃO AS SIMPA-
TIAS MUNDIAIS.



Jack Dempsey, o vencedor de Georges Carpentier.

Foi um combate que emocionou o mundo, este entre o americano Dempsey e Carpentier, em que este foi vencido em 4 «rounds» por «knock-out», que o teve desmaiado 38 minutos. Realizou-se o combate em New-Jersey e nunca o mundo do «sport» viu combate mais emocionante e sensacional. A arena era verdadeiramente formidável, pois comportava 91.613 lugares. Assitiram 2128 jornalistas e 28 linhas telegraficas deram a todos os pontos do mundo, um quarto de hora depois, a noticia sensacional. Dempsey vencera ao fim de uns 14 minutos o seu adversario heroe da grande guerra, e por seu turno vencedor de Beckett, Sampson, Chris Arnold, Joe Jeannette, Smith e Wells. Carpentier foi vencido pela força brutal do seu adversario que lhe escangalhou um olho e lhe quebrou o pulso em duas partes. Devemos lembrar-nos de que Dempsey é um verdadeiro hercules e que as suas caracteristicas são muito superiores ás do seu adversario, como o leitor pode ver, comparando-as no nosso quadro. Dempsey venceu, é certo, todavia as simpatias de todo o mundo estão com Carpentier, encarnação do espirito combativo de uma raça que vive mais pelo ardor de sua alma sonhadora e cavalheirosa do que pela força musculosa dos seus punhos.

O ACASO CURIOSO



Clara Butt, famoso contralto. (retrato de Bassano L. da). Não será por ventura a nossa bem conhecida atriz Emilia de Oliveira?

O acaso é realmente curioso e só ele nos permitiu reunir a colecção que hoje damos aos nossos leitores. E' realmente curioso como, sem que os caricaturistas d'isso se apercebessem, eles retrataram, é claro com o traço propriamente exagerado, algumas das nossas figuras mais conhecidas, alguns dos nossos nomes mais afamados. Digam-nos se a Angela Pinto não é a dama que n'uma rua de Londres, conversa; se não é Augusto de Castro o homem que está no retrato, se não são Guerra Junqueiro e Chagas Roquette os que, estando pacatamente

em Lisboa, Porto ou Barca d'Alva, dançam no bico do lapis dos caricaturistas americanos.

Quanto á semelhança dos retratos, ela é tão grande que poderiam muito bem passar pelos retratos das pessoas que nós conhecemos, de Emilia d'Oliveira que no palco interpreta varias personagens, pelo do dr. José d'Azevedo Castelo Branco que na provincia convalesce de uma queda que deu na sua casa de Lisboa.

E' engraçado e semelhanças tão flagrantes levaram



Esta caricatura foi publicada no «Journal Amusante» e é o dono de uma casa interrogando o gatuão. Não poderia ser uma charada em que se perguntasse: Onde está o dr. Augusto de Castro? Efectivamente o retrato do distincto homem de letras pode ver-se no quadro que está na parede ao lado da estante de livros.

COMO EM PARIS, LONDRES E NEW-YORK ALGUNS CARICATURISTAS DESENHAM ARTISTAS, ESCRITORES E ATRIZES Nossos, APENAS POR ACASO



Caricatura publicada em «The Windsor Magazine» e em que uma das interlocutoras é, sem que o caricaturista a conheça, a nossa popular atriz Angela Pinto

nos a dal-as ao publico como interessante recolha de alguns comentarios do Acaso. E o Acaso tem na vida humana uma percentagem tão avultada que d'ele não ha que zombar, mas antes tel-o em conta como um factor a que é preciso atender. O Acaso! Como se não fosse por acaso que a gente ás vezes faz metade de toda a sua vida, não fosse por acaso que a gente vive e não morresse ás vezes por acaso!

Havia mesmo um tratado a compôr sobre a psicologia do acaso. Encaral-o sob todos os aspectos desde o caso vulgarissimo do homem que se casa por acaso — até ao acaso, infelizmente tão raro para os genros, duma sogra que morre uma noite, por acaso O Acaso encarado como um destino, como uma fatalidade e até, na frase, cremos de Gautier, como a «blague mais scintillante de Deus — pesa eternamente como uma sombra, sobre todos nós que nascemos por acaso, que vivemos por acaso e que-desaparecemos deste mundo por méro acaso.

A sorte é ainda a sua expressão mais requintada — e precisamente por isso menos acessível. Mas — perguntarão por acaso os leitores — o acaso não favorecerá realmente certas creaturas ou será como o sol que quando nasce é para todos nós e até quando



Guerra Junqueiro parou por momentos a conversar. E o caricaturista da «Life» de New York, que não conhece o poeta, o mostrou aos leitores do seu jornal, sem ter intenção de o fazer.

cronica ou com sorriso desdenhoso que o acaso nunca nos favoreceu. Não se pôde dizer radicalmente, fazendo o paralelo com a opinião de Eduardo Garrido sobre a loteria — que o acaso é para os outros.



É «Sir» Herold Stuart, o delegado Inglês na Alta-Silesia, mas podia muito bem passar pelo dr. José de Azevedo Castelo Branco

UMA CENTENARIA

QUANDO foi agora do Congresso Beirão, uma velhota de 112 annos, da serra do Caramulo, quiz ir ver quem eram as muitas e desviadas gentes que da cidade iam até aos caminhos longinquo e agrestes onde ella tem passado a sua vida. Foi acompanhada de uma bisneta e o seu aparecimento foi motivo de surpresa e alvoroço. Pediram-lhe que se deixasse fotografar. Foi chorando que o fez. Que não tinha visto na sua vida semelhante coisa, dizia ella, referindo-se á maquina fotografica. Ha um seculo que ella palmilha aquelles caminhos, ali vive e ali morrerá. Nunca tirou o retrato, desconhece o carro electrico, nunca viu o mar, e desconhece o *foie-gras*. Agua da fonte, couves e carne do cevado que vive e engorda em casa, tal é a sua comida. Ignoramos se ainda mastiga bem, mas sabemos que lá vaee levando a vida como Deus é servido, sem inveja da vida que nós outros vivemos cá em baixo no povoado, entre gréves, monopolios e incertezas do cambio.



Como n'uma rua de New-York o nosso dramaturgo Chagas Roquette se encontrou em companhia de duas pessoas que elle não conhece, caricaturado por uma pessoa que elle ainda conhece menos. (Desenho publicado no «Judge» de New-York)

morre, no ocaso, morre por nós todos? E' possível — mas não é provavel. Não ha nenhum de nós que não tivesse encontrado um dia por acaso logar no primeiro electrico? Ha. E todos nós nos queixamos, com uma lagrima



O SEGREDO DO "CHIC"

A Mulher elegante, ciosa do seu prestígio de «chic» que não deve empalidecer nunca, cuida sempre desveladamente das suas «toilettes» de casa, que procura quanto possível harmonisar com o decoro do seu *boudoir*.

Hoje que a arte do oriente influe poderosamente na ornamentação do lar e no vestuário feminino, é compreensível que grande parte das «toilettes» de casa

se inspire nas modas da China, actualmente tanto em voga na Europa.

Foi a esta ideia que obedeceu a composição da original «toilette» que publicamos e que consta d'uma saia de setim côr de rubi com largos desenhos orientais em fio d'oiro, terminada com uma alta franja de seda no mesmo tom. O «kimono», também em setim, mas em tom mais claro, tem como guarnição os mesmos bordados d'oiro e franjas de seda no tom a rematar na orla do «kimono» e nas mangas. E' também original a blusa que a segunda gravura representa, executada em «jersey» de seda azul *nattier*, guarnecida com franjas e setim preto.

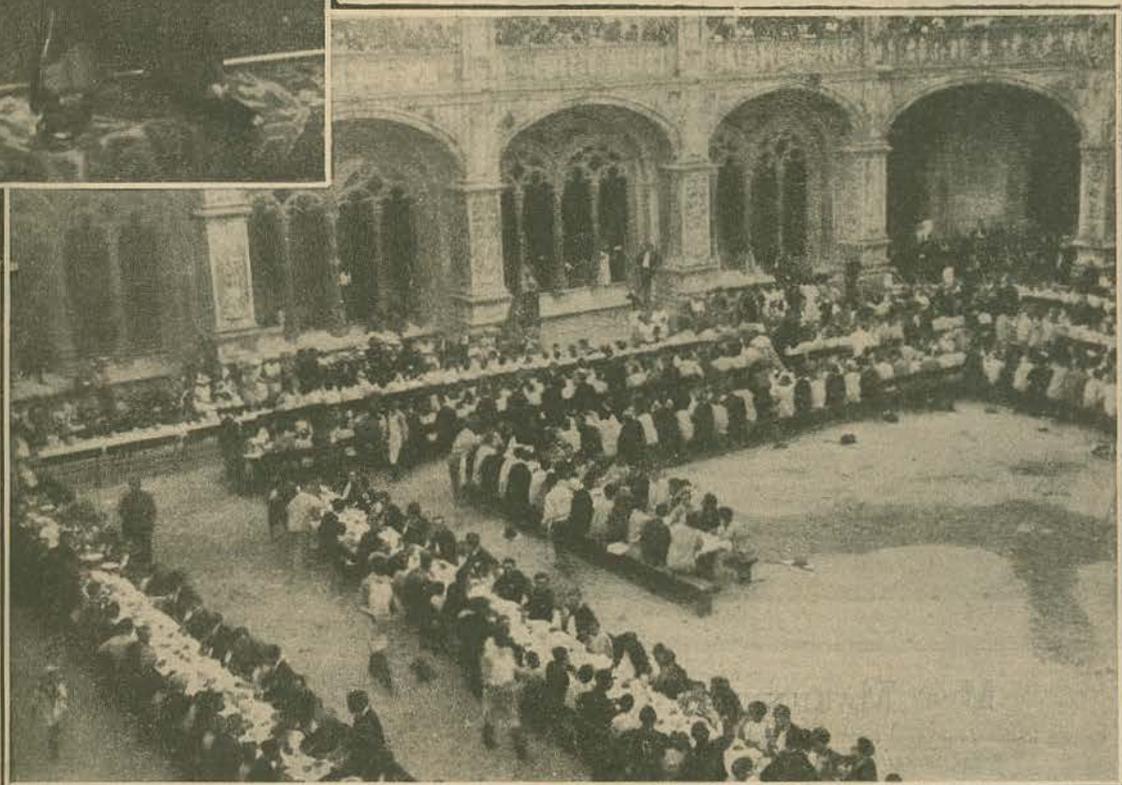


FIGURAS & FACTOS

1. O novo ministro da China em Lisboa, sr. Si-Yung Cheh, que ultimamente apresentou no palacio presidencial as suas credenciaes de enviado do seu governo.

2. S. Ex.ª o presidente da Republica e sua esposa a visita do «Tinacalia». No primeiro plano, o sr. ministro de Italia cumprimenta os illustres visitantes.

3.—Nas festas comemorativas do aniversario da Casa Pia.—Um aspecto do Claustro durante o jantar de confraternização de alunos e ex-alunos.



PELO MUNDO DA BELESA

E DO ESPIRITO



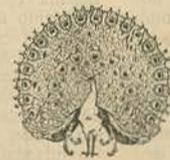
MISS MARILYNN MILLER

que no teatro New Amsterdam, de New York, em danças e operetas,
constituiu a principal atracção.



PALMIRA BASTOS

a nossa estreada opereta com quem o publico tanto sympathiza
(Cliché • Photo Palace Ltd. •)



Mlle JOSETTE BENOIT

Interessantissimo retrato de uma bela figura de mulher. (Cliché • Brazil •)



MISS PHYLLIS DAUVIS

a ballarina que, em Londres, esta causando furor e bem
merecido successo.



DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA



Uma velha faiança da fabrica do Rato.



SILVA PORTO

AS
GRANDES
COLECCOES
PARTICULARES

O
LEILAO
AMEAL
EM
COIMBRA

VAE agora dispersar-se em Coimbra, sob o martelo do pregoeiro, uma das mais importantes coleções de arte que entre nós existe. Trata-se das coleções do falecido conde do Ameal, dr. João Maria Correia Ayres de Campos e consta de pintura, ceramica, numismatica, escultura, mobiliario e bronzes artisticos. Na pintura o amator encontra ali Rubens, Murillo, Goya, Rembarndt, Fibera, Teniers, Greuz e Fortuny a par dos dois Vieiras, Sequeira, Metrass, Lupi, Anunciação e dos modernos Silva Porto, Columbano, Malhõa, Ramalho, Salgado, etc., isto com «seis dezenas de tabuas veneraveis dos seculos XV e XVI

onde as escolas alemã, holandesa, italiana, flamenga, espanhola e portuguesa têm notabilissima representação».

Quanto á escultura, além de estatuas alemãs, francesas e italianas, lá se encontram Simões d'Almeida, Calmels e Alberto Nunes, e se buscarmos a ceramica veremos que o falecido fidalgo conseguira a maior coleção de ceramica portuguesa pois que a sua, agora em venda, se compõe de mais de 800 peças. Possuia ainda faianças de Rouen, Delft, Alcora, Sarona, Derby, Talavera, Saxe, Sévres, Cappel di Monte, China e Japão.



Um dos quadros de Silva Porto «Moissonneuses» (Lumiær).



MURILLO



Quadro de Anunciação. «Le brébis et l'agneau»

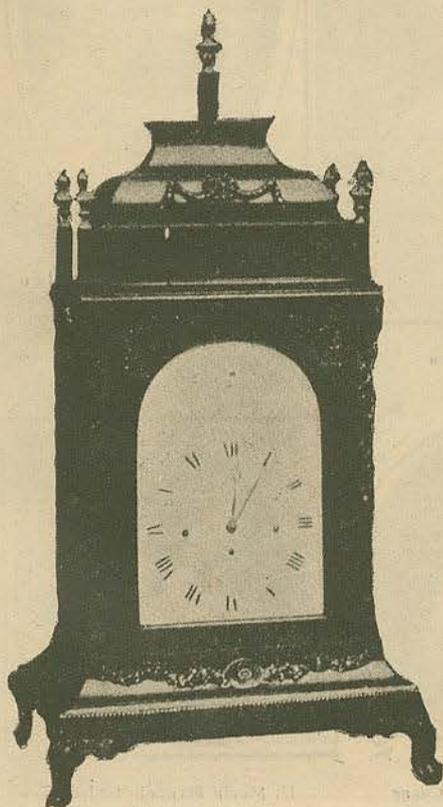
A colecção numismática é também preciosa. Contem cerca de quatro mil moedas capazes de entontecerem um colecionador. Ha moedas de ouro, prata, e cobre dos Grãos Mestres portugueses de Malta; francesas, hesnholas, chinas, fenicias, arabes e egypcias.

Ha as moedas romanas de ouro, prata e cobre, a colecção dos Viso-Reis da India desde Afonso de Albuquerque, as do Pr or do Crato e as dos governadores do Reino. Ha exemplares preciosos como o *morabittino aureo* de D. Afonso Henriques; a *Dobra gentil* de D. Fernando; o *português* de ouro de D. Manuel; o *Português*, o *Calvario*, e o *Vi-*

cente de João III; a *Vicente e o Engenhoso* de D. Sebastião. Todas as salas do palacio regorgitam de preciosidades, impam de objectos de arte. E' uma grande e soberbissima colecção essa que em Coimbra agora o martelo do leiloeiro vae dispersar aos quatro ventos. O catalogoque é feito por Gustavo Sequeira e Alberto Sousa é um interessante e digno Baldecker e o comentario de tão bela como valiosa colecção; folheal-o é sentir desejos de assistir ao leilão.



Velha porcelana de Saxe representando o Rapto da Europa



Relogio inglês de Minuetes—Stylo Luiz XVI



Uma aguarela de Gustavo Doré

As Nossas Futuras Medicas

As senhoras que na Faculdade de Lisboa cursam atualmente medicina, ou sejam as nossas medicas de amanhã.



D. Georgina Pimenta
(5.º ano)



D. Branca Moreira Lopes
(4.º ano)



D. Maria José Paixão
(5.º ano)



D. Maria Carolina Ramos
(Período transitorio)

(Cliché Furt. & Reis)



D. Branca Rumina
(5.º ano)



D. Sara Benollet Barchion
(2.º ano)



D. Maria José Monteiro Ventura
(2.º ano)



D. Gabriela Augusta Cesar
(2.º ano)
Clichés da Fotog. «Brasil»



D. Maria Manuela Meireles
(2.º ano)



FOGOS FATUOS

(GUACHE POR ZARCO)

Composição interessante, tão psicológica como cheia de fantasia. O pobre «pierrot», desolado, vê na sua mente escandecida revolútear uma farandola estranha feita de figuras nascidas do Desejo e da Saudade. Hora triste em que o Sonho tem os seus fogos fatuos como os têm os cemiterios. E o que é afinal o nosso coração senão um cemiterio imenso?

ULTIMOS ECOS DA SEMANA



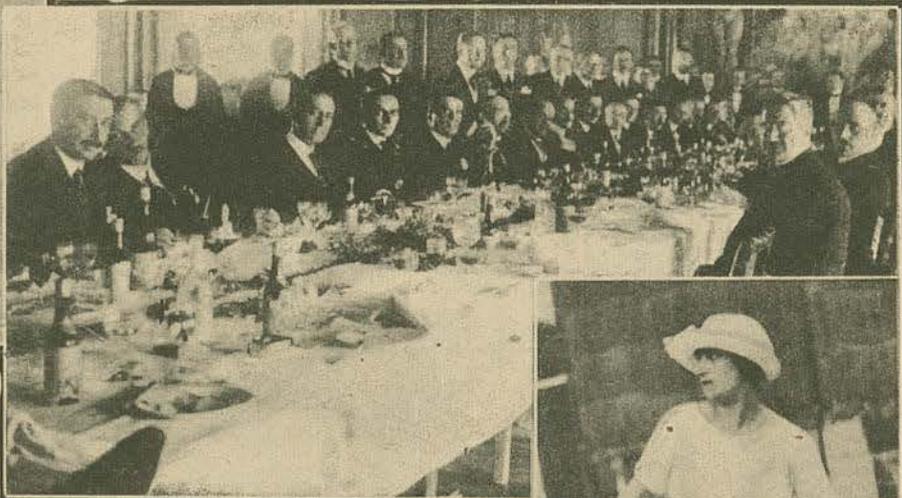
Os primeiros professores de educação física em Portugal. São todos médicos que concluíram o curso especial.



Alunas do Liceu de Passos Manuel na exposição escolar ultimamente ali realizada.



Mrs. Gallagher nas meias finais da prova «Mixed double» do Campeonato de «Law-Tennis» que se realizou na R. Rodrigues Sampaio. Disputou-se a Taça «Law Tennis» Internacional e tomaram parte Mrs. Gomes da Silva, Nogueira, Cau da Costa e Armour e Mesdemoiss Iles Korth, Ferreira Borges e Mrs. King e Gallagher.



O almoço oferecido no Monumental Club pelo sr. Ministro da Italia aos membros do comité da Exposição flutuante a bordo do «Tinacria»

No campeonato de «Law-tennis» internacional.— Um aspecto da luta.— Mademoiselle Ferreira Borges



JOÃO VERDADES
(TITO MARTINS)

A PRESENÇA
DO POVO INLUSTRADO



ILUSTRAÇÕES DE
JORGE BARRADAS / ROCHA VIEIRA / HIPOLITO COLOMB

PORTUGAL
BRAZIL L. 1.ª

O que se lê

o NOVO LIVRO

DE

JOÃO VERDADES

(TITO MARTINS)



João Verdades. Caricatura de Hipólito Colomb

TITO MARTINS, o nosso sempre lido e apreciado João Verdades, acaba de publicar um livro novo, *A presença do povo «Inlustrado»* que é ilustrado por Jorge Barradas, Rocha Vieira e Hipólito Colomb. Livro de ironia e comentário, livro de flagranças da vida nacional, anotadas por um espírito sã que sabe rir, o *A presença do povo «Inlustrado»* fica na nossa literatura como uma colectanea de felizes artigos, de desapaixorada crítica, de risonha, mordaz e arguta satira, onde pelo riso, seguindo o preceito de Juvenal, se procura corrigir e moralisar.

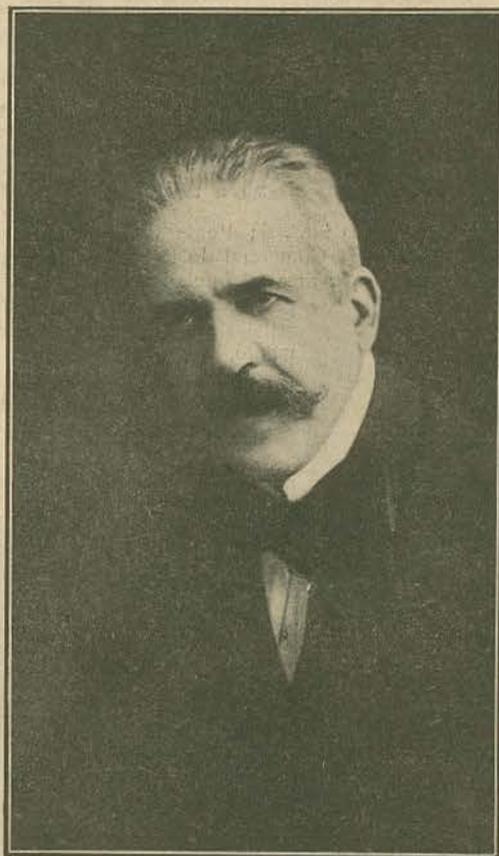
São dialogos curtos, scenas incisivas e que se leem de um folego, divididos em duas partes, a dos *Casos d' Agora*, que são os *fait-divers* da vida portuguesa, provisorio que se eternisa, coisas que só deviam viver um dia e que são imortaes entre nós, e a dos *Casos de sempre*, onde a observação corre parelhas com a scintilancia da forma. A prosa do *A presença do povo «Inlustrado»* é uma prosa humoristica, mas de um humorismo que sabe rir. Não ha ali a

gargalhada grossa que a chalaça alvar motiva, mas é permanente o sorriso que o acerado e zombeteiro do comentario atrae.

Merçe ser lido este livro é com ele João Verdades só acrescentou louros á sua corõa

de homem de letras. Fez um livro sincero, proveitoso, honesto e que se lê hoje, como se lerá sempre. A vida portuguesa é aquilo, será assim pelos seculos dos seculos. As figuras não se renovam, sucedem-se. Os casos são «clichés» imutaveis, ou pelo menos identicos. Mas o leitor lerá o livro e dir-nos-ha depois se o comentario acidulado de João Verdades é ou não a melhor terapeutica e a mais feliz filosofia do caso...

João Verdades é o autor dos volumes *Por um oculo...* (contos e cronicas), *João Verdades*, que são notas e comentarios e *Jaéas novas; processos novos*, que tem um prologo do dr. Agostinho Fortes e é, como o titulo indica, um punhado de idéas traduzindo a aspiração de que se renove o ambiente rotiveiro que nos enlaça. Precisamos de quem faça vibrar, que agite esta indifferença que é bem criminosa. João Verdades diz a verdade, por isso conquistou rapidamente um publico e obteve com o successo de livraria a simpatia pelo seu belo como valoroso espirito. E' pena sómente que João Verdades

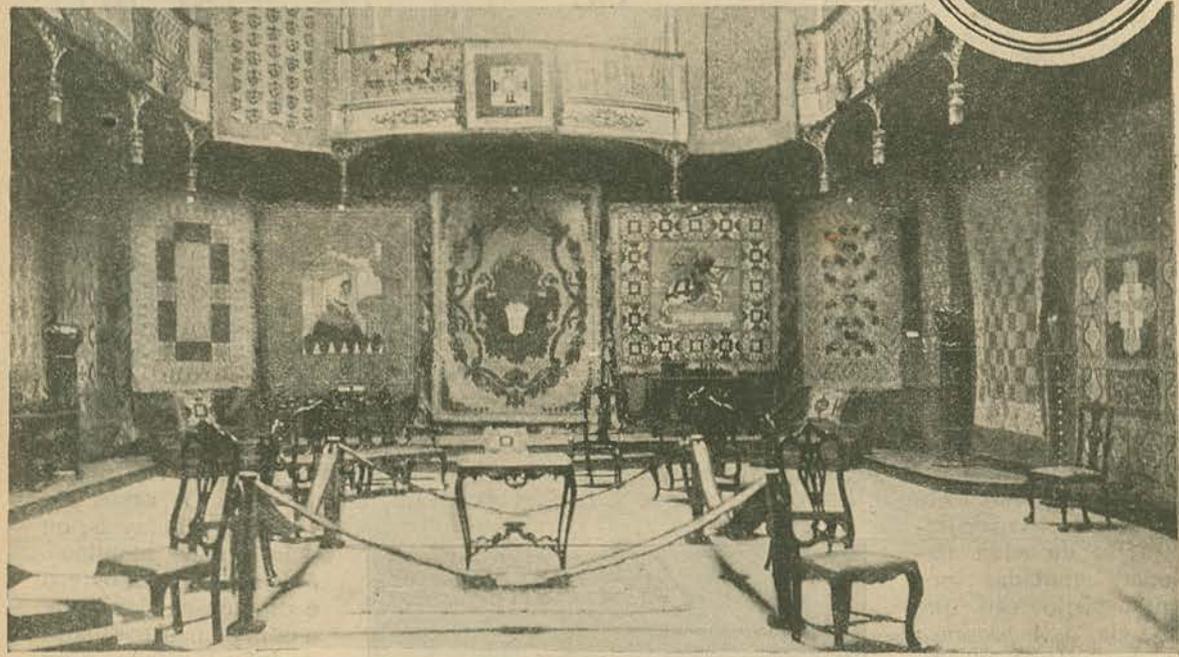


Tito Martins (João Verdades)

seja um. Um só é pouco para arietar todo o marasmo. João Verdades devia constituir legião. Mas assim como é vale por ela e na fatal renovação da nossa sociedade ele será de alguma maneira um precursor e um adivinho.

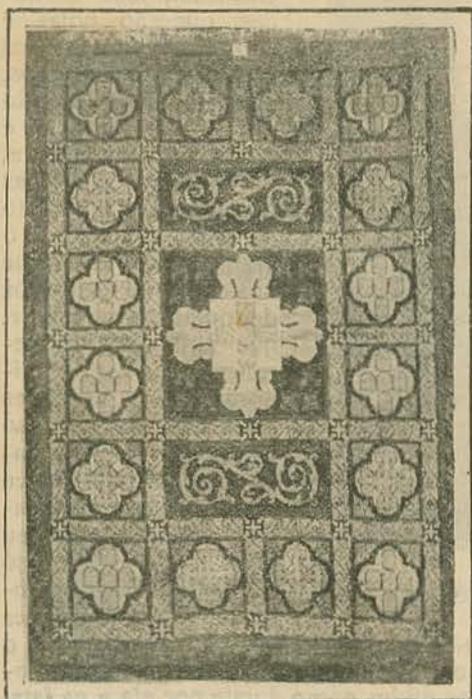
VIDA ARTISTICA

A EXPOSIÇÃO DE TAPEÇARIAS ARTÍSTICAS
NO SALÃO DO ATENEU COM.^{AL} DO PORTO

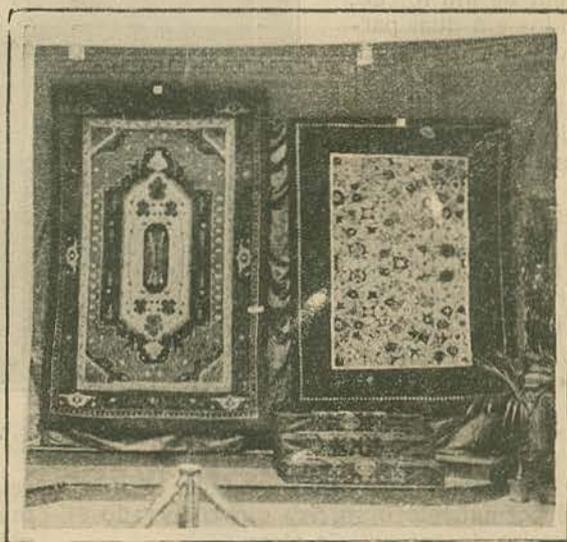


Aspecto geral da exposição. Ao centro o tapete heráldico D. João V. No medalhão o retrato do sr. Manuel do Carmo Teixeira, autor das novas tapeçarias

A Manufatura Portuguesa de Tapeçarias Ld.^a, da Ponte da Pedra, do Porto, fez a sua primeira exposição no Salão Nobre do Ateneu Comercial do Porto. Os entendidos e a critica disseram d'ela, entusiasticamente, todos os louvores que uma tal iniciativa merece. E' a ressurreição de uma arte portugüesa em motivos bem nacionais. Iniciativa de artistas, teve dos artistas e do publico um tal acolhimento, que é de crêr que ele seja o incentivo das grandes coisas que uma tal industria pôde dar. Portugal precisa do concurso de todos e esta exposição é das que honra a sua arte e nobilita a sua industria.



Um tapete D. João V

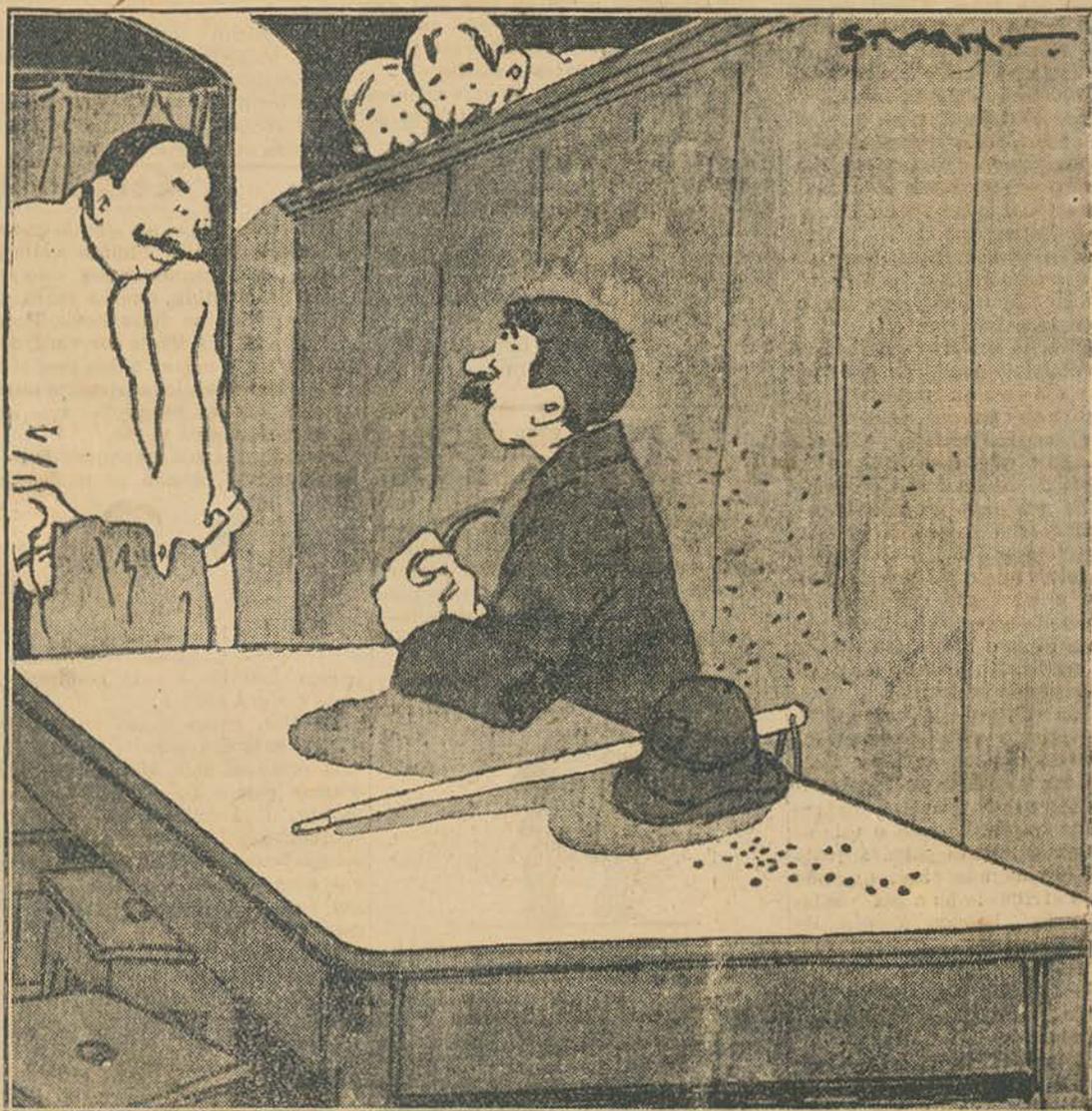


Dois belos specimens. O tapete oriental e o tapete labirinto



Redação, Administração e Oficinas — Rua de Seculo, 48, — Lisboa

Barateamento



O criado:

— As iscas cá em casa já são mais baratas.

O freguês:

— Sim? Ora, eu costume mandar vir uma isca e um litro de vinho... (calculando e resolvendo) — Traz-me uma isca e dois litros...



PALESTRA AMENA

Discussão

As modas variam infinitamente, o que foi moda hontem não o é hoje ou amanhã, etc. etc. D'antes era moda respeitar uma pessoa a critica, ou quando não fosse a critica, as opiniões alheias, viessem de onde viessem e diz-se até que um pintor cel bre aceitou de bom grado a opinião d'um sapateiro quanto a um quadro que tinha pintado e só muito discretamente fez saber ao mestre bucha que ele não devia passar das chinelas, quando a mais se atrevia.

Agora, em arte, é moda os criticados virem a terreno discutir, dizer das suas rações, sem se lembrarem de que o grande publico é que tem a ultima palavra, que este se está nas tintas para criticos e criticados, a não ser quando o critico não faz mais, afinal, do que expôr a media das opiniões sensatas geraes, o que não será uma critica propriamente dita mas é, sem a menor duvida, uma revelação de bom senso.

Uns poucos de dramaturgos, mais ou menos discutidos, tem defendido ultimamente nos jornais as suas peças, atacadas, e muito recentemente uma actriz do teatro Nacional botou epistola a respeito das «toilettes» que trouxe n'uma peça e que causaram surpresa no publico—tanta, que uma delas, a do 2.º acto, levantou na plateia um sussurro muito, de condenar, mas irreprimivel.

A's palavras da actriz respondeu no «Seculo», edição noturna, um dos seus redactores e é a esse que nos dirigimos com a censura que merece, porque vem alimentar discussões inúteis, a não ser como reclamos; que demonio se conclui da carta d' a actriz e que demonio se conclui da resposta do jornalista? Aquella acção bom o que este acção mau. E que tem o publico com isso? Imagina a actriz que o publico deixará de repetir o sussurro da primeira noite, porque ella na epistola disse duas lérias, e imagina o jornalista que os sussurros continuam porque elle rebatou a argumentação da actriz?

Quanto aos criticos que respondem aos autores, quando estes não se encontram satisfeitos com as criticas, tambem perdem em responder-lhes um tempo que poderia ser de proveito, empregado n'outras coisas. Diga-se o que se disser, nunca o artista julgará justa uma apreciação da sua obra, que não seja louvor: attribui-la-ha a má vontade do apreciador, lançará a culpa da falta de exito aos interpretes, a tudo o a todos, menos a si proprio. Por seu lado o critico sincero julgará que viu bem, que não lhe escaparam particularidades algumas, que concluiu com logica e justiça—e afinal de contas, como fica dito, o publico é que resolverá em ultima instancia e será o juiz, sem vir aos jornais com prós ou com contras.

Ora então, chuchar e calar é o que convém, com esperança de obt r resultado melhor, em futura obra. Lembramos-

lhes, para exemplo, um mancebo que não ha muitos mezes foi pateadissimo n'uma peça — a segunda, cremos — no teatro Nacional, e que recebeu a pateada intrepida e resignadamente, dizendo em voz baixa para os artistas que, com elle, afrontavam no palco as fúrias do publico: — Tambem o Gabriel de d'Annunzio tem sido pateado! E era ve dade. *J. Neutral.*

Bôa-vista

Aí vai uma anedotasinha, para variar. Certo malcoio, manhoso como todos os malcoios, tendo-lhe chegado a vez de ir para militar p' nsona na maneira de se livrar do que considerava uma grandissima espiga. Depois de muito cogitar, optou pela miopia maxima.

Na inspecção declarou que não via senão a muito menos de dois palmos adiante do nariz, o que não foi facilmente acreditado pelos medicos.

Um d'estes procedem a experiencias e, na verdade, de todas o patiforio se saiu bem, para elle.

Por fim, já cansado de tanto ser apouquizado, com o pôr e tirar de lentes, com o colocar-se a varias distancias de determin do alvo, etc. quando estava de vista desarmada perguntou ao medico:

—Vossa senhoria vê aquella mosca, acollá, naquella porta?

—Vejo, respondeu o doutor.

—Pois eu, não! concluiu o maroto, triunfantemente.

A volta dos electricos

Bolas! bolas! bolas! E ainda lhes dizemos mais: bolas! Então agora, que já estavamos deshabituados dos electricos, que estavamos resignadissimos —mais ainda— que estavamos adaptados ao novo estado de coisas, que lhes começavamos a gosar as vantagens —«aquelque chose malheur est bon»—é que a companhia e o pessoal resolveram restabelecê-los! Bolas, bolissimas! Estranham estas considerações? En-



vão, leiam as seguintes notas, colhidas pela nossa consciencia reportagem.

Em casa do Torres. A esposa: —Hoje tenho de ir á modista, á loja de chapéus, á loja das meias, á loja dos espartilhos, á loja das lavas...

O marido, pondo as mãos na cabeça —que é onde se põem todos os maridos quando se veem encravados:

—Tudo isso, filha?

—Tudo... Como não sefa ha um mês, por falta de electricos...

Na 8.ª repartição da 2.ª Direcção do Ministerio d'uma coisa que nós sabemos, mas que não estamos para dizer. O chefe, para um 3.º official, que entra ao meio dia:

—O senhor porque não vein a horas?

—Estes dias tenho vindo sempre ao meio dia e v. ex.ª não me tem reprehendido...

—Porque não havia electricos, mas agora já os ha!

O 3.º official, aparte:

—Não se lembra este homem de que, haja ou não haja electricos, tenho de andar a pé, porque o ordenado não me chega para o carro!

Ajustando uma casa. O senhorio:

—Não são menos de dois contos de reis por mês...

O aspirante a inquilino:

—Com cinco divisões apenas, a pia na casa de jantar, só um quarto com janela...

O senhorio:

—E electrico á porta, não se conta?

O homem, desanimado:

—E lembrar-me-eu de que se a gróve dos electricos se eternisasse apauhava esta casa muito mais barata!

Será d'esta?

Mais uma vez se noticia de que a nossa illustre Lucilia Simões volta para o teatro, mas tantas vezes isso se tem dito e desmentido, que ha ainda quem não acredite na feliz nova. Porque é que d'esta vez ha-de ser verdadeira a noticia e das outras o não tem sido?

Que decisivas circumstancias imperam agora? Eis as perguntas que andam na boca de toda a gente.

Pois vamos nós responder-lhes satis fatoriamente, dando as razões que le-



varam Lucilia a esta resolução, que nada poderá abalar.

Lucilia, como todas as artistas, é d'uma extrema sensibilidade; já não está criança, mas ainda é susceptivel d'amar com a paixão da primeira mocidade. E Lucilia ama. Lucilia está apaixonada. Lucilia vai trocar o seu socego burguês pela agitação do teatro, vai sacrificar-se—por um homem, por um ente que logrou amolecer-lhe o empedernido coração. Emfim, Lucilia está apaixonada pelo Luiz Pereira, empresario e dono do Politeama e essa paixão, que a podia levar ao tumulo, se não fosse correspondida, leva-a ao palco d'aquelle teatro.

Esta é que é a verdade, que proclamamos, porque sabemos que nenhum dos dois pombinhos se zanga com a indiscreção; já são maiores e não tem que dar satisfações a ninguém...

E já agora, mais uma linha, para evitar mais interpretações: tudo isto é brincadeira, ouviram?



Como punhos!

EM FOCO

E' como diz as verdades o nosso João Verdades «né» Tito Marfins; como punhos! Leia-se «A» presença do povo *ilustrado*, o engraçadissimo volume agora publicado, com belas illustrações de Rooha Vieira, Jorge Birradas e Hipolite Colomb, e ver-se-ha que os costumes não podem ser castigados com mais justiça e com mais chiiste.

E como n'estas coisas não ha nada como ver para crer, ai vae um trecho-sinho, por onde o leitor avaliará o resto:

O amor no teatro

PRIMEIRO QUADRO

O amor proprio

(Camarim d'uma «estrela». Ela caracteriza-se em frente do espelho. O jornalista, n'um «a vontade» de quem não está ali como jornalista apenas, segue-lhe os movimentos, embevecido.)

ESTRELA.—Vê agora se te esqueces de dizer, lá no jornal, que tive cinco chamadas no final do 1.º acto.

JORNALISTA.—Tiveram...

ESTRELA.—Não é tiveram, é «tive eu...» Que me importam a mim os outros!

JORNALISTA.—Está bem. Foram só para ti as chamadas (Abceira-a) E, em paga da mentira?

ESTRELA.—Em paga da mentira... Beija-o, sem deixar de se mirar ao espelho, beijando-se mais a si propria que a ele.) E que estive formosa, como



Outra vez D. Gertrudes Pires

*Tereza de Jesus, sua indecente:
Você que tem co'os pés do meu marido
Para vir com seu modo delambido
Dizer que os lava só semanalmente?*

*Se ele não fosse um homem tão prudente,
Com todas as criadas comedido,
Bem sei eu como tinha proce'dido
Quando você levava a agua quente!*

*O que você queria era lava-lo,
Por sua propria mão tirar-lhe o surro
E aparar-lhe depois, talvez, um calo.*

*E enganou-se, porém; mude de curro,
Não sirva gente, sirva algum cavallo,
Ou antes, sua besta; sirva um burro!*

GERTRUDES PIRES
(BELMIRO, copiou)

ESTRELA.—... senão para lh'o repetiros?... (Torna a beijal-o).

JORNALISTA.—Mas basta do que hei-de dizer ao publico. Dize-me tu alguma coisa a mim...

ESTRELA.—Que te amo... Que só te amo a ti!...

JORNALISTA.—E a ti!...

ESTRELA.—Pudera! O que faltava é que me quizesse mal!...

JORNALISTA.—Principalmente a ti...

ESTRELA.—Não, senhor! principalmente a ti.

JORNALISTA.—Em paga da mentira... (Vai para a beijar). O contraregr: (bate á porta e dizia: Prá sexual)

ESTRELA.—Pronto! (Ao jornalista que não desiste do beijo). Vai lá para fóra, anda.

JORNALISTA (recostando-se no sofá).—Para quê?... Já sei o «que tenho» que escrever... Alem de que, aqui vejo-te melhor «representar»...

menos, porque até nós o ficamos, apesar de não estarmos presentes.

Não estavamos, mas ficamos habilitadissimos a explicar: d'hoje para o futuro, os apelidos que por ai abundam, tirados da fauna. Por exemplo, o Moreira Rato é evidente que teve algum antepassado que gostava muito de queijo; o Costa Lobo, teve pela certa algum avô que se fartou de papar cordeiros,



o professor Alipio Camelo, se folhear os papeis de familia, encontra lá pelo seculo 17.º algum parente com duas marrecas; etc.

E' pena que o erudito academico não fizesse a analise dos apelidos pertencentes ao reino vegetal;—mas ainda está a tempo—o Castanheira de Monra teria dado castanhas em tempos, o José Pinheiro teria dado pinhões, e nozes o Nogueira e o nosso querido Pereira, do Chiado, será um fôurives e peras?

Esperemos que no novo Congresso sua ex.ª trate d'estas arvores, que não são de menos interesse do que a bicharada.

Sciencias filologicas

Não é por nos gabarmos, mas sciencia como a que nós botamos no Congresso Luso-Espanhol, realisado ha dias no Porto, poucas vezes se verá botar!

Para não irmos mais longe, só a proleção do nosso eminente archeologo Leite de Vasconcelos, em que transcrevemos duma folha noticiosa—partindo da observação da linguagem corrente, na qual figuram numerosas vozes animais, já como comparação, já como apódo, de expressão de afeita, explicou por elles as alcunhas tiradas da fauna e por estas os apelidos da mesma significação, como Lobo, Coelho e muitas outras!

Os estrangeiros, já se vê, ficaram abanadadissimos, nem o caso era para

Correspondencia

ALBERTO P. D'AFRICA—Não vae para a «Torre de Chifre», não senhor, porque essa é só para os reprobos. Vão para dar calor á «bailarina».

S. T. O. — Não estranhe a repetição dos «Focos»: criada e patrão tem direito á defesa, e onde se fazem aí se pagam.

SEMPRE FIXE — Sempre! Ainda o dizes, ó Viroscas!



nunca... Que as minhas «toilettes» foram o «clou» da noite...

JORNALISTA.—Etc. etc. A cantata do costume...

ESTRELA.—Convem repetir sempre. O publico precisa que se lhe matraqueiem estas coisas, para dar per ellas. Dize tambem, é claro, que tenho muito «alento»...

JORNALISTA.—(tornando a acercar-se d'ela): E em paga da mentira?

ESTRELA. (repelindo-o, ameaçadora) Materiado! Talvez não tenha?

JORNALISTA.—Se for assim, tens, e que não tivesses, era o mesmo. Como tu dizes, o publico á força de lh'o repetirem, acaba por acreditar tudo... E para que sou eu teu amante...

MODAS



— Então o Soares anda agora às pontas de cigarro?!
— Sempre escravo das modas; como tudo desce, ele desceu também à última...